

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA
UMA PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE GRADUAÇÃO

Hidelita Marques Silva

**Salvador
2018**

**A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA
UMA PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA**

Hidelita Marques Silva

Trabalho de Conclusão de Graduação apresentado ao Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Museologia**.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Luciana Oliveira Messeder Ballardo

**Salvador
2018**

Hidelita Marques Silva

**A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA
UMA PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2018

Luciana Oliveira Messeder Ballardo, Ms. — Orientadora _____
Mestre em Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Federal da Bahia

Rita de Cassia Maia da Silva _____
Pós-Doutora em Cultura e Artes – Universidade de Aveiro

Ana Teresa Góis Soares de Mattos _____
Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural- IPHAN

AGRADECIMENTOS

Planejar e executar uma exposição nunca é uma tarefa solitário e, como sempre, há muitas pessoas a quem devo agradecer por ter tido a energia para concluir esta fase do meu percurso acadêmico. Nessa lista está, Professora Dra. Suely Cerávolo, Anna Paula da Silva, Professora Rita Maia e, minha orientadora professora Luciana Ballardo. Mais que qualquer outra pessoa, manteve-me sempre atenta e concentrada em todos os aspectos realmente importantes a desenvolver neste trabalho. E claro, os meus amigos e companheiros de jornada para preservação da engenharia náutica tradicional os saveiristas, especialmente **João Mirico** e **Nem**, o mestre em carpintaria naval que é um dos últimos a trabalhar com ábaco graminho.

“[...] às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse. Queres dizer que chegar sempre se chega...” José Saramago, 1996

RESUMO

A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO: O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA

AUTORA: Hildelita Marques Silva

ORIENTADORA: Luciana Oliveira Messeder Ballardó

As exposições são excelentes meios de comunicação e educação. Partindo de uma contextualização teórica sobre exposições como meios de mediação cultural, lançou-se para exemplo prático ao planejamento, desenvolvimento e concepção de exposição temporária “A vela de içar do Recôncavo Baiano: “O mar que traz é o mesmo que leva”. Neste contexto, o projeto de exposição elaborado teve como objetivo uma experiência que insere o espectador nas artes visuais utilizando a vela de saveiro da Bahia com entrelace a arte oriental o kakekmono. Além disso, e também procura satisfazer emocional e culturalmente, despertando o interesse por novas experiências e dados na área representada – artes plásticas. A exposição temporária em espaço aberto apresenta uma única artista: Hildelita Marques.

Palavras-Chave: Vela de içar; Comunicação Museológica; Artes Plásticas.

RESUMEN

LA VELA DE IZAR DEL SAVEIRO DEL RECONOCIMIENTO BAIANO: EL MAR QUE TRAZ ES EL MISMO QUE LEVA.

AUTORA: Hildelita Marques Silva

ORIENTADORA: Luciana Oliveira Messeder Ballardo

Las exposiciones son excelentes medios de comunicación y educación. A partir de una contextualización teórica sobre exposiciones como medios de mediación cultural, se lanzó para ejemplo práctico a la planificación, desarrollo y concepción de exposición temporal "La vela de izar del Recôncavo Baiano: El mar que trae es lo mismo que lleva". En este contexto, el proyecto de exposición elaborado tuvo como objetivo una experiencia que inserta al espectador en las artes visuales utilizando la vela de salvamento de Bahía con entrelazado el arte oriental el kakekmono. Además, también procura satisfacer emocional y culturalmente, despertando el interés por nuevas experiencias y datos en el área representada - artes plásticas. La exposición temporal en espacio abierto presenta una única artista: Hildelita Marques.

Palabras-clave: Vela de izar; Comunicación Museológica; Artes plásticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
PROJETO EX POGRÁFICO.....	14
RELATÓRIO TÉCNICO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O projeto desenvolvido propõe uma exposição de curta duração, em espaço aberto, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, intitulada: A vela de içar do Recôncavo baiano: O mar que traz é o mesmo que leva”.

Além disso, por meio de análise sobre a vela de içar em uso, o conteúdo da exposição contempla uma construção de narrativa sobre o instrumento, utilizado para apresentação do trabalho artístico da autora do projeto, Hildelita Marques Silva. Nesse contexto histórico, a artista traz uma reflexão sobre a união da arte com o social e o histórico, relacionando as produções humanas, tais como a vela de içar e o kakemono, cuja estética e técnica são legados que influenciaram e influenciam seu trabalho artístico.

A proposta aqui é identificar a potencialidade da vela de içar do saveiro do Recôncavo Baiano (ainda em uso) como objeto patrimonial para uma exposição. Entre os objetivos específicos destacam-se: compreender os conceitos de exposição, do patrimônio material e imaterial; desenvolver análise da vela de içar ainda em uso; desenvolver uma metodologia de trabalho em espaço aberto para realizar a exposição, propor um protótipo de vela de içar para servir como suporte artístico; realizar o levantamento da constituição da vela de içar da embarcação saveiro; compreender que os espaços naturais e urbanos são passíveis de serem tratados como espaços museológicos; elaborar um projeto de exposição como instrumento de difusão.

Por questões de organização do conteúdo, o trabalho foi desmembrado em três partes: *Referencial Teórico*, que trata das questões relacionadas à comunicação museológica e memória; *Projeto Expográfico*, que apresenta o projeto de exposição que foi concebido e montado pela discente; e finalmente, *Relatório*, que enumera as atividades desenvolvidas durante o trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A expressão patrimônio cultural é tradicionalmente associada a um conjunto de edifícios e, ou obras de arte, mas, é mais abrangente, vasto e, envolve todos os campos de ação humana, a exemplo dos saberes. De acordo com a Constituição Federal Brasileira (Artigo 215):

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Os bens patrimoniais, no que diz respeito à sua esfera material (Decreto-lei n. 25/1937), podem ser incluídos num grupo diversificado de monumentos e seu entorno, os conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos históricos, Igrejas, Palácios, Conventos, Solares, Casas Grandes, construções de luxo e conjuntos de utensílios. Os bens patrimoniais imateriais (Decreto n. 3551/2000) são as manifestações das culturas populares, festejos tradicionais, rituais, técnicas produtivas, cantos, contos, lendas, além de hábitos, costumes e crenças de uma sociedade.

Entende-se que (re)conhecer as expressões materiais e imateriais do patrimônio cultural é a base para a compreensão da nacionalidade e da identidade, e isso inclui o povo litorâneo e ribeirinhos da nossa vasta costa.

O Brasil possui uma costa náutica de mais de 8.500 km (ARCHENAVE, 1990) e uma cultura naval em diferentes lugares e com grupos sociais diversos, portanto, a proposta visa apresentar aspectos históricos sobre o saveiro, como uma embarcação que representa o patrimônio náutico brasileiro. A difusão deste patrimônio no Brasil, a partir do modo de fazer o saveiro é um aspecto importante a ser discutido no âmbito da pesquisa.

Portanto, é importante refletir criticamente frente as continuidades e descontinuidades da tradição da vela de içar de saveiro da Bahia, como também, o que ocorre com essas embarcações tradicionais brasileiras no que concerne a população litorânea, que utiliza a embarcação para o provimento de recursos financeiros. O saveiro tornou-se um elemento

significativo da memória social sobre a navegação baiana por ser representativo culturalmente, socialmente e economicamente para determinadas comunidades.

A partir do conhecimento sobre a trajetória do Saveiro torna-se possível a divulgação da relação entre o passado e o presente da embarcação nas comunidades, tendo como objetivo a produção de informações e divulgação do saveiro como parte da representação de memória da navegação baiana, ressaltando aspectos da cultura material e imaterial.

Nesse cenário, as embarcações e velas representam mais do que sua própria materialidade, pois estão relacionadas a situações vividas cotidianamente por pessoas que por motivos diversos protegem e os conservam em um movimento de resistência e preocupação sobre o possível esquecimento dessa tradição.

Para apresentar a memória sobre o saveiro e saveiristas escolhemos a vela de içar do saveiro como objeto de pesquisa. Neste sentido, é necessário compreender este objeto, no que diz respeito a historicidade e as relações culturais relacionadas a vela de içar.

A vela de içar como documento de memória é abordada no aspecto do registro de conhecimento de um tempo pois é um objeto do passado, um objeto de recordações. A memória presente é associada aos momentos passados. De acordo com Camargo (2006, p.50), “[...] o processo de construção da memória compõe os processos que realizam a produção sistemática de novas celebrações que passam a conviver com o marco temporal e temas demarcadores preexistentes”.

A importância de informações presentes numa vela de içar é primordial para o cenário da construção naval, pois vem assegurar o acesso à informação para gerações futuras, e com isso, esclarecer o processo que direcionou a engenharia náutica até o momento atual. O que se “resume” como momento contemporâneo de uma ascendência do passado.

Neste cenário de esquecimento vale ressaltar que, segundo Le Goff (1992), os silêncios da história são instigantes e, reveladores do “mecanismo de manipulação da memória coletiva por parte das classes, de grupos, de indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”.

A manipulação da memória fica evidente na relação que o patrimônio cultural estabelece com a memória em um contexto museológico, pois segundo Moutinho (1994, p. 10) “O objecto museológico é mais que um objecto herdado, é um objecto construído”. Para o autor, é preciso compreender que “[...] o processo de transformação do objecto em documento que é, afinal, o eixo da musealização, introduz referências de outros espaços, tempos e significados numa contemporaneidade que é a do museu, da exposição e de seu usuário”

Dentre esses três últimos, a exposição é o foco desse trabalho que utiliza como referencial o planejamento de uma exposição a partir das reflexões de Cury (2006, p.113) que destaca que a expografia consiste em um conjunto de ações no sentido da sua concretização “[...] que está depositada na capacidade de lidar com o espaço e com a forma da exposição”. Se a forma é conteúdo, permite a comunicação “[...] que dá valor ao espaço e torna a experiência do público possível, a experiência sensorial, interativa e criativa”.

Por outro lado, considera-se para as atividades práticas considera-se para as atividades práticas realizadas nessa proposta, o que Franco (2008, p.61) descreve a Expografia como definição da linguagem e do design da exposição museológica, englobando a criação de circuitos, suportes expositivos, recursos multimeios e projeto gráfico, incluindo programação visual, diagramação de textos explicativos, imagens, legendas, além de outros recursos comunicacionais

Para além das atividades práticas realizadas, a exposição aqui proposta está vinculada à comunicação museológica que segundo Cury (2005, p. 34) é a denominação genérica dada as “diversas formas de extroversão do conhecimento(...)”, e deve ser compreendida como uma “experiência” relacionado ao caminhar pelo espaço, observar objetos, analisar, julgar, criticar, comparar, relacionar, lembrar, rejeitar, concordar/discordar, apreender, como também despertar a emoção do público.

Por fim, o objeto eleito para investigação tem relação com a vida da autora, pois durante muitos anos viveu na pequena ilha de Bom Jesus dos Passos (Bahia) e teve contato com o ofício. Esse interesse pela embarcação culminou no desenvolvimento do trabalho artístico que a partir do contato com a tradição japonesa do Kakemono, passou a se inspirar neles para utilizar os tecidos da vela de içar como suporte artístico.

A convivência com as populações referidas acima, compartilhando de suas práticas culturais, e com o estudo da arte de Kakemono¹, passa a compor a proposta artísticas que, em sua maioria, adere a temática floral, realizando pinturas nas velas.

As páginas seguintes apresentam o projeto expográfico e o relatório de atividades desenvolvidas no decorrer da elaboração e montagem da exposição museológica aqui proposta. O objetivo central é utilizar as velas de içar como suportes artísticos e recurso expográfico, ao mesmo tempo que objeto, ou fato museológico, ao adotar protótipos das velas de içar, como painéis suspensos por madeiras utilizando como técnica a forma de amarração original dessas embarcações.

1 Jornal japonês “Shimbum” São Paulo – 13/01/2006. Jornal “Atarde” 11/03/2006.

CAPÍTULO 2 – PROJETO EXPOGRÁFICO

Esse capítulo apresenta o projeto de exposição museológica elaborado e montado pela discente na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, como apresentação do trabalho de conclusão de curso de graduação em Museologia.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

PROJETO DE EXPOSIÇÃO

**A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA.**

Projeto Expográfico apresentado disciplina TCCIII do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia como requisito para aprovação na disciplina TCC.

Orientadora Profa. Luciana Messeder Ballardo

Salvador
2017

GLOSSÁRIO

Carangueja – Verga da latina apoiada ao mastro, onde se coloca a parte superior da vela.

Vela – Aparelho confeccionado em tecido e outros materiais para propulsão com energia eólica

Verga – Vara onde é erguida a vela de pena (latina ou bastarda) do saveiro.

Enciclopédia náutica ilustrada. Las Artes da la Mar, Barcelona: Editorial, 1966.

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. JUSTIFICATIVA**
- 3. OBJETIVOS**
 - 3.1 Geral**
 - 3.2 Específicos**
- 4. METODOLOGIA**
 - 4.1 Módulo de apresentação**
 - 4.2 Módulo I**
 - 4.3 Módulo II**
 - 4.4 Módulo III**
- 5 CROMOGRAMA**
- 6 REFERÊNCIAS**
- Apêndice**

1 INTRODUÇÃO

Este projeto tem como objetivo propor uma exposição temporária, a partir das reflexões sobre as velas de içar do Recôncavo Baiano que até os meados do século XX singravam em nossas águas.

O projeto pretende desenvolver uma exposição de curta duração, em espaço aberto, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, intitulada: “A vela de içar do Recôncavo Baiano: O mar que traz é o mesmo que leva”.

O conteúdo da exposição contempla a apresentação do trabalho artístico da autora do projeto Hildelita Marques Silva que traz uma reflexão sobre a união da arte com o social e o histórico relacionadas as produções humanas tais como a vela de içar e o kakemono – cuja estética e a técnica são legados que influenciaram e influenciam, a escolha do suporte artístico em tecidos que compõem as velas de içar, executando as técnicas de pinturas principalmente relacionadas a temática floral.

2 JUSTIFICATIVA

A motivação para realizar a exposição envereda-se para apresentação da vela de içar, em virtude da cultura náutica, muitas vezes ficar restrita ao domínio dos navegadores, e, além disso, o fato paralelo de que as velas estão praticamente desaparecendo em virtude da substituição irreversível de barcos a motor.

Compreende-se que recuperar e conhecer as expressões materiais e imateriais do patrimônio cultural² é a base para a compreensão da identidade, e isso inclui o povo litorâneo e ribeirinhos da nossa vasta costa.

Todavia, é importante refletir criticamente frente as continuidades e descontinuidades da tradição da vela de içar de saveiro da Bahia, como também, o que ocorre com essas embarcações brasileiras no que concerne a população litorânea, que a utiliza para o provimento de recursos financeiros. O saveiro tornou-se um elemento significativo da memória social sobre a navegação baiana por ser representativo cultural, social e economicamente para comunidades litorâneas da costa brasileira.

Por fim, a partir de estudos da autora, desde 2004, constatou-se que para alguns autores o método de construção desses barcos nos remete ao Oriente, cruzou-se as informações, e assim, utilizando como inspiração a arte oriental, foi elaborado o trabalho de arte com intenção de entrelaçar os artefatos, a vela de içar do Recôncavo Baiano com o Kakemono³ japonês resultando na pintura sobre vela de içar.

² Para mais informações sobre o tema recorrer a Constituição Federal Brasileira (1988).

³ Jornal japonês “Shimbum” São Paulo – 13/01/2006. Jornal “Atarde” 11/03/2006.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Elaborar e montar a exposição temporária - **“A Vela de Içar do Saveiro do Recôncavo Baiano - O mar que traz é o mesmo que leva”**.

3.2 Específicos

- Produzir pinturas artísticas em suportes representativos das velas de saveiros de embarcações de Salvador/Ba entrelaçando com a arte oriental inspirada nos kakemonos;
- Elaborar textos que ajudem no processo de comunicação com o público;
- Eleger os recursos expográficos.

4 METODOLOGIA

A exposição está estruturada em subtemas relacionadas ao histórico das velas e, sobre o porquê desse entrelace de culturas tão distintas, e que aparentemente distantes, estão interligadas: Oriente com o saveiro do Recôncavo baiano.

Dessa maneira, a exposição está organizada de forma temática, com circuito livre e desmembrada em módulos, conforme descrição a seguir.

Todos os módulos serão painéis livres em tecidos no formato em vela de içar.
Particularidade: Amarração original (carangueja) adaptada para ser erguida em árvore.

4.1 Módulo I – Apresentação

Esse módulo estará nas duas primeiras árvores que servirão de suportes para o painel de entrada, em tecido de algodão, composto por título e texto introdutório em tamanho 190 x 120 cm com o nome da exposição e texto explicativo apresentando o tema central.

4.2 Módulo II

Dois painéis de 2.00m x 120 m. com 1.00 cm de altura com etiquetas de identificação em tecido de algodão em A3, uma apresentando a primeira obra e o outro apresentando a segunda.

Esse módulo também constará de texto setorial em tecido de algodão em metragem A3.

4.3 Módulo III Ficha Técnica

Esse módulo possui apenas um painel contendo os créditos dos responsáveis pela elaboração e montagem da exposição, tanto os órgãos como profissionais.

O painel tem formato com dimensões de 210x 140 cm em tecido.

6 BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, P. Embarcações do Recôncavo: um estudo de origens; Salvador: Publicação do Museu do Recôncavo Wanderlei Pinho, 1973(pg. 90).

ARCHENAVE - Comissão de arqueologia e Enologia Naval. Patrimônio Cultural Naval do Brasil, Brasília: SFAN/Pró-memória – Ministério da Cultura, Banco Central do Brasil, Divisão de Impressão e Publicação, 1990.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: A7nablume,2005.

SCHEINER, Tereza. Criando Realidades Através de Exposições. Mast Colloquia, Rio de Janeiro, v. 8, p. 7-37, 2006.

SIMÕES J.M.S. Saveiro da Baía: Um Estudo de Nautologia. Luso-Brasileira, Lisboa, 1971. (117p.)

SMARCEVSKI, L. Graminho: a alma do saveiro/ Lev Smarcevski; organização Bruno Furrer; versão para o inglês H. Sabrina Gledhill.2ª ed.- Salvador: Governo do Estado da Bahia/ Odebrecht/ Centro Náutico da Bahia – CENAB,2001.148p.:il.

Apêndice

Texto de apresentação

Hidelita Marques Silva é artista plástica e durante muitos anos viveu na pequena ilha de Bom Jesus dos Passos-BA, terra dos seus antepassados. Essa ancestralidade familiar de aproximadamente 200 anos, o contato direto com mestres saveiristas e construtores dessas embarcações e o olhar curioso de uma criança, encantada com o manuseio com que os seus familiares lidavam com as velas desses barcos, resultou nesta exposição.

A proposta da artista é fruto do estudo da vela de içar do saveiro do Recôncavo como suporte artístico buscando um paralelismo com a arte oriental. Dessa forma, o trabalho foi elaborado com intenção de entrelaçar a vela de içar do Recôncavo baiano com o Kakemono japonês, resultando na pintura sobre vela de içar como suporte e o tecido da vela para a confecção do kakemono.

Esse entrelaçamento tenta abordar os aspectos acerca do não isolamento geográfico da nossa sociedade, trazendo para esse contexto a interconexão que foi conduzido a nossa cultura. E assim, valorizar aspectos de culturas em desuso e poucos conhecidos.

Modulo II

Texto 1

As técnicas de pinturas executadas pela artista Hidelita Marques Silva; inspirada nos entrelaces de culturas, utiliza a arte do oriente, o kakemono japonês –um artefato que faz parte da cerimônia do Chá, um antigo ritual do Japão. A cerimônia inclui a valorização e contemplação dos utensílios usados, entre eles o kakemono, um rolo ou espécie de pergaminho japonês.

Texto 2

Nesse cenário, as embarcações, as velas a arte em kakemono representam mais do que sua própria materialidade, pois estão relacionadas a situações vividas cotidianamente por pessoas que por motivos diversos os protegem e os conservam em um movimento de resistência e preocupação sobre o possível esquecimento dessas tradições. Do ponto de vista político, em relação as embarcações tradicionais, nota-se a negligência de autoridades competentes em cuidar dessas populações litorâneas com poucos recursos.

FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONCEPÇÃO E MONTAGEM

HILDELITA MARQUES

ORIENTADORA

LUCIANA MESSEDER BALLARDO

REALIZAÇÃO

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA FACULDADE
HILDELITA MARQUES SILVA

AGRADECIMENTOS

AO MESTRE JOÃO MIRICO
MESTRE CONSTRUTOR NEM



CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO

Neste último capítulo apresentamos a descrição do processo de elaboração e montagem expográfica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Museologia

HILDELITA MARQUES SILVA

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MÃR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA

SALVADOR
2018

HILDELITA MARQUES SILVA

**EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO RECÔNCAVO BAIANO:
O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA**

Relatório apresentado à Disciplina FCHG-54
Trabalho de conclusão do curso de Museologia da
Universidade Federal da Bahia, sob orientação da
professora Luciana Messeder Ballardo.

SALVADOR
2018

RESUMO

Este relatório traz a fundamentação teórica que embasou a pesquisa para a produção e finalização da exposição **“A vela de içar do Recôncavo baiano: O mar que traz e o mesmo que leva”**, compondo assim, um documento detalhado de todo o processo.

IDENTIFICAÇÃO

Título: A vela de içar do Recôncavo baiano: O mar que traz e o mesmo que leva

Tipo de exposição: Temporária

Tipologia: Temática.

Formas de apresentação: A exposição será apresentada em 5 painéis com suportes de tecido, dividida em três módulos que abordam o entrelace com a arte oriental e a vela de içar.

Autoria: Hildelita Marques Silva

Instituição: Universidade Federal da Bahia – Departamento de Museologia

Público alvo: Comunidade da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Palavras-chave: Vela de içar; Comunicação Museológica; Artes Plásticas.

Orientadora: Luciana Messeder Ballardó – Docente do Departamento de Museologia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS
4. BIBLIOGRAFIA
APÊNDICE A – <i>Folder</i>
Anexos – Registros fotográficos

1. INTRODUÇÃO

Entendo as exposições como importantes meios de comunicação, aprendizagem e de mediação cultural. Nesse sentido de aprendizagem dos conhecimentos sobre o desenvolvimento de exposição procedeu-se a uma primeira fase teórica sobre o conceito de exposição, os seus objetivos e tipologias, assim como as várias fases que ocorreram no seu desenvolvimento.

O estágio desenvolveu-se em volta de várias reuniões de orientação. A escolha desta exposição prendeu-se com questões no âmbito emocional e educacional, a escolha do local Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFBA, procurou-se integrar a funcionamento da instituição/ atividade acadêmica e, de modo que coincidissem com o período da montagem da exposição. Os vários momentos que encaminham os trabalhos, assim como atividades desenvolvidas, se encontram no cronograma, que segue em anexo.

Assim, a experimentação iniciou-se, com a definição dos pontos relacionados à organização, como tema, o público, local e a duração do evento. Procurando fazer uma pesquisa extensa na fase de pré-produção para a que escolha fosse a mais acertada possível.

As orientações se deram em torno da escolha da ideia / fase de planejamento / fase de produção (orçamento) / fase operacional / fase de montagem / fase de avaliação.

O desenvolvimento do trabalho é apresentado em quatro etapas cronológicas.

2. ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO

ETAPA I

Período: 09 à 23 de outubro

Atividades:

- Apresentação do tema;
- Proposta de espaço expositivo;
- Proposta de Tipologia;
- Definição de público-alvo.

Foi apresentado para a disciplina a proposta de uma exposição temporária tendo como tema as velas de içar, organizada com módulos temáticos, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, definindo como público-alvo a comunidade que ocupa o espaço do Campus.

ETAPA II

Período: 24 de outubro à 20 de novembro.

Atividades:

- Desenvolvimento do projeto;
- Solicitação do espaço;
- Determinação da data de abertura.

Nas orientações seguintes foram discutidos os módulos do projeto expográfico utilizando como referências autores como Marília Cury conforme consta na bibliografia.

A partir disso, foi elaborado o projeto de exposição constando de justificativa, objetivos e metodologia aplicada ao trabalho

Foi entregue, em 20 novembro, o projeto acompanhado de ofício, solicitando o espaço externo do Campus de São Lázaro para a diretora Maria Hilda Baqueiro Paraíso, requisitando a abertura da exposição para 15 de janeiro de 2018.

ETAPA III

Período: 21 de novembro à 21 de dezembro

Atividades:

- Orçamento;
- Confeção do material para divulgação;
- Pré-montagem

Nessa etapa, foi confeccionada a lista de materiais necessários para realização da exposição. Os itens foram cotados em lojas de tecidos e papelarias.

Após aquisição do material, a discente foi a campo em ilha de Maré, permanecendo dois dias com o mestre em carpintaria naval tradicional para confeccionar os protótipos de vela de içar que foram utilizados como painéis na exposição.

A seguir, passamos a etapa de pré-montagem com elaboração das pinturas artísticas pela autora deste trabalho.

ETAPA IV

Período: 08 à 15 de janeiro

Atividades:

- Montagem
- Abertura da Exposição

Nessa etapa, foi realizada a montagem da exposição utilizando como suporte para os painéis as árvores ao lado do “casarão” do *Campus de São Lazaro*.

A exposição foi inaugurada no dia 15 de janeiro de 2018.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Trabalho Conclusão de Curso”, a elaboração da exposição museológica como parte das atividades apresentadas nos componentes curriculares tornou-se possível realizar o que almejava desde que ingressei na Universidade – a divulgação do saveiro do recôncavo baiano, através do trabalho artístico de autoria própria – pintura sobre a vela de içar do saveiro. Onde a intenção era sensibilizar para conhecer e, assim, preservar essa engenharia náutica tradicional. Então, com esse fito foi elaborado roteiro expográfico e concretizado um projeto técnico de exposição, “O mar que traz é o mesmo que leva”.

A escolha do título, numa tentativa em induzir ao pensamento, como ocorreu a formação de várias sociedades, a partir das influências recebidas dos diferentes ciclos migratórios. Diante desse cenário, o saveiro do recôncavo baiano pode representar esse entrelace de influências, pois para alguns autores como Santos Simões e Lev Smarcevski a construção dessa embarcação secular nos remete aos mares do Oriente. Com isso, a ideia era provocar reflexão dos valores culturais que fazem parte de nossa história e pouco conhecem.

Durante toda essa trajetória de conhecer para preservar a engenharia náutica tradicional do saveiro do Recôncavo Baiano, os caminhos foram trilhados junto com vários saveiristas durante mais de 20 anos. E nesse processo de exposição não foi diferente, houve a cooperação dos saveiristas – trabalho executado no estaleiro do mestre Nem, na Ilha de Maré. Sem a presença deles seria impossível a conclusão do projeto.

Como aluna de Museologia houve vários desafios que foram superados, culminando no amadurecimento profissional que me permitiu “regar” no processo técnico expositivo, a própria exposição, como artista plástica, esquecer do envolvimento sentimental. Na maior parte do tempo, foi difícil desvincular a profissional (aluna) em museologia da artista plástica, como também o desafio de expor um objeto ainda em uso que representa a engenharia do século XVIII, a vela erguida na retranca e carangueja sendo adaptada para ser exposta em galho de árvore.

O positivo está nos ganhos de convivência com a orientadora e no resultado onde obtive a aceitação do público que ali estiveram, que resultou inclusive no convite para uma palestra na sala de aula de estética sobre o trabalho. Mesmo que não tenha alcançado um grande resultado dentro do “mundo” acadêmico, não foi com o medo do fracasso ou da turbulência que enfrentou-se o oceano desconhecido e, se for considerado um fracasso pode ser visto também como um prelúdio para o êxito.

4. BIBLIOGRAFIA

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: A7nablume,2005.

SCHEINER, Tereza. Criando Realidades Através de Exposições. Mast Colloquia, Rio de Janeiro, v. 8, p. 7-37, 2006.

APÊNDICE A*Folder da exposição***A VELA DE IÇAR DO SAVEIRO DO
RECÔNCAVO BAIANO****O MAR QUE TRAZ É O MESMO QUE LEVA**

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA



15 DE JANEIRO - 18 FEVEREIRO DE 2018

Local: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

REALIZAÇÃO:

HILDELITA MARQUES SILVA - DISCENTE DO CURSO DE MUSEOLOGIA-UFBA



Anexos

Processo de pré-montagem: Local Ilha de Maré Bahia.(estaleiro de mestre Nem)



Fonte: Roni Silva

Pré-montagem da vela de içar(amarração original) com mestre Nem: Local estaleiro de mestre Nem, Ilha de Maré-Bahia-Brasil.



Fonte: Roni Silva

Pré-montagem: Fixação dos textos



Fonte: Rita de Cassia

Montagem: fixação painel



Fonte: Luciana Messeder

Painéis da exposição montados



Fonte: Luciana Messeder

Visitação da exposição



Fonte: Luciana Messeder

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A efetivação deste trabalho proporcionou a elaboração de uma exposição museológica temporária em espaço aberto na Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no Campus de São Lazaro. O enfoque se deu na construção de uma exposição museológica trabalhando a interdisciplinaridade entre duas culturas distintas: a vela de içar do Recôncavo da Bahia e o Kakemono do Japão.

Entretanto, é relevante salientar que os conceitos museológicos educacionais e comunicacionais, as técnicas expográficas relacionadas a textos, cores e recursos foram alicerçadas nas definições a partir dos autores apontados no referencial teórico, adaptadas para uma exposição temporária em espaço aberto.

REFERÊNCIAS

ARCHENAVE - Comissão de arqueologia e Enologia Naval. Patrimônio Cultural Naval do Brasil, Brasília: SFAN/Pró-memória – Ministério da Cultura, Banco Central do Brasil, Divisão de Impressão e Publicação, 1990.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.140p.

Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937. Disponível em <https://www.planalto.gov.br>
Acesso em: 23 nov. 2017

Decreto nº 3.551, de 2 de outubro de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponíveis em <https://www.planalto.gov.br>
Acesso em: 23 nov. 2017.

CAMARGO, Celia Reis. A construção da memória na sociedade global. In: Identidade sociais: Local x global. **Patrimônio e Memória**, Assis v2. n2, dez 2006.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. Encontro Regional do ICOFOM-LAM, 8. 1999, Coro, Venezuela. **Anais**. p. 50-51.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. **Planejamento e organização de exposições**- Parte II.

MOUTINHO, Mário Canova. A construção do objecto museológico. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 4, n. 4, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244>>. Acesso em: 08 jan. 2017.